



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ANA CLAUDIA PEREIRA HENRIQUE

O CONCEITO DE AMIZADE EM ARISTÓTELES

Amargosa
Setembro de 2017

ANA CLAUDIA PEREIRA HENRIQUE

O CONCEITO DE AMIZADE EM ARISTÓTELES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Orientador: Emanuel Luís Roque Soares

**Amargosa
Setembro de 2017**

ANA CLAUDIA PEREIRA HENRIQUE

O CONCEITO DE AMIZADE EM ARISTÓTELES

Este TCC foi apresentado no CFP da UFRB, em Amargosa, BA, no dia de
Novembro de 2017.

Prof. Dr. Emanuel Luís Roque Soares - Orientadora
(UFRB)

Prof.Dr. José João Neves Barbosa Vicente.- Examinador
(UFRB)

Prof. Dr^a. Denise Magalhães da Costa - Examinador
(UFRB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela força, pois nos momentos de dificuldades era sempre a minha bússola de encorajamento. Aos meus filhos Bruno, Gabriela e Silvia que foram meus grandes incentivadores para que eu terminasse este curso. Ao meu irmão que sempre acreditou em mim. Aos meus pais, que por tantas vezes ajudaram-me de alguma forma. A Silvio por chamar sempre atenção pra continuar. Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram com esse projeto.

Aos colegas da turma de filosofia 2009.2 pela convivência agradável e enriquecedora, pelos conhecimentos compartilhados e por tudo o que passamos juntos. Aos bons amigos que fiz e que com certeza estarão gravados para sempre em minhas lembranças.

Quero agradecer a todos os meus amigos que fizeram parte dessa caminhada, que doaram um pouco do seu tempo para me encorajar, me ajudando direta ou indiretamente na finalização deste trabalho. Que o Senhor Deus os cubra com infinitas bênçãos.

A minha afilhada Hayala que me instigou a fazer essa licenciatura em filosofia e que com suas palavras de incentivo e até mesmo estudando junto, me ajudou na concretização desta monografia. Em especial também a minha amiga Nildes que foi outra incentivadora e parceira de leituras acerca do tema abordado. A todos vocês, meu muitíssimo obrigado.

Aos meus filhos, Bruno, Gabriela e Silvia pela
presença e o apoio constante.

“Na verdadeira amizade, diz ele, dou-me ao meu amigo mais do que dele quero para mim.”

(Montaigne)

A amizade pode existir entre as pessoas mais desiguais. Ela as torna iguais.

(Aristóteles)

Resumo

Esse trabalho tem como tema o conceito de Amizade em Aristóteles. O mesmo tem a finalidade de analisar e investigar o conceito da amizade, suas características e formas (amizade baseada na utilidade, no prazer e na virtude ou perfeita), a partir da sua obra *Ética a Nicômaco*, nos livros VIII e IX. Buscando compreender como se dava os modelos aristotélicos de uma verdadeira amizade. No primeiro capítulo adentra-se um pouco sobre como se deu o pensamento do filósofo acerca da amizade na Grécia antiga mostrando que a sua importância se dava devido à consideração desta como um elo social entre os homens e a comunidade. Em seguida far-se-á um breve apanhado do que consiste a utilidade, onde o útil é um instrumento do qual o indivíduo se serve para alcançar um determinado fim logo após se fará uma análise da reflexão feita por Aristóteles desta amizade por utilidade. Prosseguindo, analisar-se-á também em que consiste o prazer e como se dá a amizade por prazer. Para o filósofo, o prazer é importante, pois é na experiência prazerosa que se pode avaliar se aquela ação foi boa ou ruim. Essa amizade possui um diferencial que perdura por mais tempo. No segundo capítulo será abordado sobre alguns elementos que permeiam em torno da amizade tida como perfeita ou virtuosa como diz Aristóteles. Para isso iremos fazer uma relação entre o amor, a benevolência, a virtude e a felicidade, ingredientes que julga-se ser necessários para alcançar a amizade verdadeira e por terem uma estreita relação entre eles. Finalizando com as considerações em que, segundo o filósofo, para alcançar a amizade perfeita é necessário que aconteça entre os amigos a mesma afinidade e sintonia, pois a definição de amigo para Aristóteles é quando o indivíduo deseja e faz o bem em interesse de seu amigo.

PALAVRAS – CHAVE:Amizade, Virtude, Aristóteles

Sumário

Introdução	09
CAPÍTULO 1 – AMIZADE EM ARISTÓTELES	12
1.1 Em que consiste a utilidade	15
1.2 O que é amizade por utilidade.....	16
1.3 O que consiste o prazer	18
1.4 O que é amizade por prazer	19
CAPÍTULO 2 – AMIZADE PERFEITA	22
2. 1 Amizade e Amor.....	22
2. 2 Amizade e Benevolência	23
2.3 Amizade e Virtude.....	25
2.4 Amizade e Felicidade.....	27
2.5 Amizade Perfeita.....	29
Considerações Finais.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

A amizade é um tema muito interessante para ser estudado, pois envolve um enfrentamento com os fenômenos da vida social e política. Este trabalho visa analisar e investigar mais profundamente como o filósofo Aristóteles conceituava, caracterizava e distinguia a amizade em uma de suas principais obras que é a *Ética a Nicômaco* nos livros VIII e IX.

Aristóteles trata o tema com muita sabedoria filosófica, ao alcance de todos. Ele toma a amizade como uma virtude de grande significado para o homem. Aborda o conceito da amizade como uma virtude imprescindível para a felicidade. A felicidade na sua realização plena das virtudes intelectuais e morais, pois a felicidade é uma atividade que está sempre em movimento, buscando continuamente a harmonia e o equilíbrio. Na Grécia antiga, o vínculo social entre os homens e a comunidade se dava através da amizade, fato que contribuiu para Aristóteles desenvolver seu conceito sobre amizade. No 1º capítulo fala-se sobre o conceito, suas características e como consiste a amizade em vista da utilidade e do prazer. Para Aristóteles, os que se amam por causa da utilidade recíproca não se amam pelo sentido virtuoso que têm, mas pelo bem útil que recebem do outro. Esses homens são amigos pela utilidade que esse amigo tem no momento. Assim: “Logo, os que amam por causa da utilidade, amam pelo que é bom para eles mesmos”. Prosseguir-se-á com a reflexão em torno da amizade no pensamento aristotélico, abordando especificamente em torno da Amizade por prazer. Esta amizade tem certo parentesco com a amizade baseada na utilidade, porém tem uma diferença moral que é a generosidade. Para Aristóteles “os que amam por causa do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não na medida em que o outro é a pessoa amada, mas na medida em que é útil ou agradável”.

No 2º capítulo finaliza-se com o aprofundamento do sentido da amizade pela virtude e por que ela se mostra como a verdadeira. Segundo Aristóteles é a mais perfeita e superior da sua espécie, cujo objeto de amor é aquilo que é bom. Assim: A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais

verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente.

Portanto, tem-se como objetivo especificar detalhadamente em que consiste cada uma dessas formas de amizade, descritas por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* fazendo

Uma distinção do conceito de Amizade apresentado pelo filósofo nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*, apresentando suas formas e características e analisando mais profundamente como o estagirita conceituava e distinguia a amizade em uma das suas principais obras.

A relevância da reflexão desse tema para a atualidade e para a educação é o descontentamento com os modelos da amizade hoje vigente. Percebe-se claramente que as comunidades ou associações da sociedade hoje, não comungam da amizade como um bem necessário, mas sim como uma forma de status para ser utilizado em vista dos prazeres imediatos, tendo assim seu conceito distanciado da sua origem.

Na *Ética a Nicômaco* Aristóteles nos livros VIII e IX fala sobre a amizade e a sua importância no contexto social da polis grega, mostrando que naquela sociedade o elo entre os homens se dava através da amizade. Portanto, seus escritos nos possibilitam a pensarmos na nossa sociedade atual, e o modo como devemos encarar as relações interpessoais na perspectiva da amizade.

O pensamento moral de Aristóteles está em harmonia com sua ética, porquanto o homem é um ser que tende necessariamente a um fim. Este fim é o seu bem supremo, que é a felicidade. Segundo Aristóteles, o meio para se chegar a tal fim é a virtude.

Esta pesquisa vai enfatizar a importância que a amizade pode ter na vida, salientando que a busca em se ter uma amizade pela virtude torna-se imprescindível para o homem. Como fundamentação teórica utiliza-se sua obra *Ética a Nicômaco*, livros VIII e IX, onde ele abre campo para muitas indagações a respeito da Amizade, das suas formas e características, instigando a que outros pensadores e comentadores façam a sua abordagem referente ao tema que é de cunho complexo.

Aristóteles confere uma importância muito significativa à amizade, quando ele a conceitua como uma virtude necessária à vida. O próprio Aristóteles diz:

Ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que

possuísse todos os outros bens(...) porquanto louvam os que amam os seus amigos e considera-se uma bela coisa ter muitos deles. E pensamos, por outro lado, que as mesmas pessoas são homens bons e amigos.¹

Nesse pensamento de Aristóteles, a amizade tem um carácter sociopolítico, onde cada espécie particular de amizade corresponde a uma espécie de associação. Segundo Reale(1994,p.340, apud Paulo,2015,p.25) fala a respeito da situação sociopolítica da amizade aristotélica assim: Por que, segundo Aristóteles o homem é um ser estruturalmente político, feito para viver em sociedade com outros homens; naturalmente tem necessidade de amigos para poder gozar dos bens que possui, visto que o homem isolado absolutamente não pode gozar nenhum bem.²

Segundo Aristóteles, podemos observar que a amizade configura-se de três formas: Amizade por utilidade, por prazer e a amizade do bem e conforme à virtude, que seria a amizade perfeita. A amizade por utilidade está relacionada com o interesse individual; a amizade por prazer que se fundamenta em ser agradável e útil também; e a amizade perfeita ou verdadeira que é baseada na virtude, cujo objeto do amor é aquilo que é bom. Esta amizade tem características que mostram a benevolência para com o outro de forma muito clara, e que perdura por muito tempo.

Aristóteles nos seus escritos deixa claro que o objeto do amor é imprescindível para a relação da amizade virtuosa, o querer bem ao outro como a si mesmo.

Há, assim, três espécies de amizade, iguais em número, as coisas que são estimáveis; pois com respeito a cada uma delas existe um amor mútuo e conhecido, e os que se amam desejam-se bem a respeito daquilo por que se amam.³

O procedimento do presente trabalho foi efetivado a partir de uma revisão bibliográfica e leitura dos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco* em Aristóteles, com pontuações e fichamentos, que contribuiriam para a reflexão do que Aristóteles fala a respeito da amizade. Pretendendo-se então refletir acerca da amizade como um bem necessário para se viver em sociedade.

¹ Cf: ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*,1973,p1155 a 3 – 5 29 – 30

² Cf.:PAULO,Marcelo de. *Amizade em Aristóteles*, 2015 p. 25

³ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*,1973, p. 1156 a 7-9

CAPÍTULO 1 – AMIZADE EM ARISTÓTELES

Ao se iniciar o estudo sobre amizade em Aristóteles,⁴ percebe-se que em seu livro *Ética a Nicômaco* a importância dada a amizade é de grande relevância, pois o estagirita destaca a mesma como elo entre a ética e a política da polis. Mas antes de abordarmos a amizade em Aristóteles é importante definirmos o que é, e qual a importância na vida das pessoas.

A pesquisa sobre o tema nos possibilita conhecer várias definições da palavra amizade, ela tem um sentido muito amplo, justamente por se tratar de um termo bastante antigo. Portanto, não se sabe ao certo o período do seu surgimento. Porém não se quer aqui se ater necessariamente a palavra, mas é fundamental trazer também uma definição que se aproxime do objeto deste estudo, como conceitua o dicionário filosófico: “sf. 1. Sentimento de apreço, camaradagem e afeição entre pessoas, em geral não aparentadas, ou entre entidades ou grupos.”

Desta maneira, a amizade tem a sua importância, pois envolve todos os seguimentos das relações humanas. Percebe-se que não está restrita somente ao vínculo sexual ou familiar, mas agrega uma reciprocidade, que na vida social adquire uma significação valiosa, haja vista que na sociedade é muito difícil viver sem termos laços com outros indivíduos. Doravante, parte-se dessa significação para se entender a contribuição relevante da amizade em um contexto social. Tomando-se como base os pressupostos do filósofo Aristóteles que mostra a influência desse tema na *polis*.

Ao viver na *polis*, o filósofo conviveu num contexto de uma Grécia politicamente fraca e em constantes guerras e disputas políticas, mas a sociedade dava uma grande relevância a amizade, diferente de outras culturas.⁵ Para, além disso, Sócrates e Platão também discutiram a respeito do tema, inaugurando a reflexão sobre a mesma que continuará a ter importância ao longo de toda a tradição filosófica.

Aristóteles em sua busca dedicou-se à construção de produções filosóficas e científicas, dentre elas encontra-se *Ética a Nicômaco*. Ao escrever sobre o tema

⁴ BARENES, Jonathan. **Aristóteles**, 2006, p.32

⁵ Cf.: PICHLER, Nadir Antônio. **As três formas de amizade na ética de Aristóteles**, art. da UNICAMP. Ano 4, n. 2, jul/dez 2004, p.195.

“Amizade” nos livros VIII e IX, da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles apresenta a amizade com um caráter sociopolítico, discutindo questões do tipo: Como conviver em harmonia na sociedade? Qual a contribuição da amizade para a harmonia em sociedade? Aristóteles proporciona uma investigação onde os tipos de amizade podem estar vinculados a um círculo correspondente, a uma espécie reservada de amizade, na família, na corte, no comércio etc.

Partindo desses questionamentos pode-se salientar de forma contundente que ao propor a discussão em torno da amizade, o filósofo adentra no pensamento político. Aristóteles na sua sabedoria nos mostra que a amizade é extremamente necessária à vida em comunidade, pois na sociedade podemos ter associações humanas com espécie variada de amizade. Assim:

Membros da mesma raça a sentem uns pelos outros, e especialmente os homens; por isso louvamos os amigos de seu semelhante. Até em nossas viagens podemos ver quanto cada homem é chegado e caro a todos os outros.⁶

Partindo-se da abordagem que Aristóteles faz acerca da amizade como uma virtude necessária à vida, na sua compreensão, para se viver bem e ser feliz, precisa-se de amigos para chegar a esse fim, pois segundo ele não poderíamos alcançar a felicidade sozinho. Assim, “visto que ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens”.⁷

O indivíduo não deseja viver sozinho; mesmo tendo bens, dos quais desfrute, ele precisa de amigos. Os ricos ou aqueles que têm o poder sentem a necessidade de ter amizades, pois, para que serve a fortuna sem a oportunidade de fazer benefícios? E quem mais merecedor disto do que um amigo? Assim sendo a amizade fornece segurança entre os indivíduos. Seguindo essa linha de pensamento cita-se Eliane Assumpção:

Afirma o filósofo que o mais virtuoso e afortunado dos homens, portanto, com todos os elementos para ser feliz, não será se não tiver amigos, pois necessita deles para compartilhar sua fortuna e dirigir-lhes suas boas ações.⁸

⁶ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, p. 1155a, 20-25.

⁷ Ibidem, P. 1155a 1-5.

⁸ ASSUMPÇÃO, Eliane Maria Salgado. **A amizade e a ética: um contra ponto à cordialidade**, in *Revista de Letras* do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, n. 32, jan./ jun. 2006, Porto Alegre, p. 15.

Aristóteles mostra que a amizade tem uma significância na vida do homem quando diz que para ter amigos precisa-se querer bem ao outro como a si mesmo⁹; esse fato demonstra alguns aspectos de amizade tais como a benevolência, a da reciprocidade e a do bem-querer. Esses aspectos dão forma à amizade podendo ser a base para se conceituar a mesma.

Para Aristóteles, a definição de amizade para alguns é como uma espécie de afinidade por pessoas semelhantes; para outros filósofos é o contrário: Heráclito diz que “de notas diferentes nasce a melodia mais bela”, “o que se opõe é que ajuda”¹⁰. Outros ainda dizem que semelhante atrai semelhante. Enfim, pode-se esclarecer essa definição ao se estudar o objeto do amor enquanto amizade (*philia*). Ao amar-se a si mesmo, pode-se então ser capaz de amar o outro e esse outro seria o amigo que viria a ser seu outro eu.

Para Aristóteles, o amor é sentimento, é emoção e nem tudo que nos parece bom é de fato bom. Pode-se amar sem ser amado, ter sentimentos por coisas inanimadas¹¹; já a amizade está no bem querer verdadeiro entre as pessoas, em que a reciprocidade deve ser mútua e natural.

Para ele, toda amizade tem como característica o valor dado ao objeto do amor, pois o homem ama o que lhe é útil, agradável e bom. “Talvez possamos deslindar as espécies de amizade se começarmos por tomar conhecimento do objeto do amor¹². Ora, nem tudo parece ser amado, mas apenas o estimável, e este é bom, agradável ou útil.”¹³

Por Aristóteles, pode-se observar que a amizade configura-se de três formas: amizade por utilidade, por prazer e a amizade do bem e conforme à virtude. A amizade por utilidade está relacionada com o interesse individual; a amizade por prazer se fundamenta em ser agradável e útil também; e a amizade perfeita ou verdadeira é baseada na virtude, cujo objeto do amor é aquilo que é bom. Esta amizade tem características que mostram a benevolência para com o outro de forma muito clara, e que perdura por muito tempo.

⁹ Cf.: Ética a Nicômaco p.1156b 5 – 10

¹⁰ HERÁCLITO *apud* ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco* 1155b 5.

¹¹ Cf.: Ética a Nicômaco P.115730

¹² Em grego *touphiletou*, ou seja, é preciso tomar conhecimento do que (*tou*) é digno de estima (*philêton*) em uma amizade, o estimável (*tophilêton*) como tal.

¹³ Aristóteles. P.1155b, 17-20. Aristóteles utiliza os seguintes conceitos para caracterizar o que é bom, o que é agradável ou aprazível, e o que é útil: *agaton*, *hêdy* e *chrêsimon*.

Nos tópicos seguintes aborda-se de forma sucinta como Aristóteles diferencia os tipos de amizade e como a mesma tem influência na vida dos indivíduos, trazendo-as de maneira hierárquica e ao mesmo tempo mostrando como ele distingue a amizade por utilidade e por prazer, da amizade por virtude, que é para ele a amizade verdadeira, sublime.

1.1 Em que consiste a utilidade

Ao falar-se em utilidade, precisa-se primeiro conhecer a etimologia da palavra *útil*. No dicionário português significa “que é necessário; que tem préstimo ou utilidade; no grego a palavra *chrêsimon* tem o seu significado o que é bom....

Na *Ética a Nicômaco*¹⁴, Aristóteles fala do útil como um instrumento do qual o indivíduo se serve para alcançar um determinado fim. Cita-se como exemplo a riqueza, que pode ser bem ou mal usada para alcançar um fim almejado. A característica preponderante da utilidade é o fato de ser um meio para se chegar ao fim. Quando Aristóteles fala sobre amizade por utilidade, ele fala no sentido de ser um meio para se ter algo ou conseguir algo para seu próprio desfrute, quando conseguirmos, esse deixa de ser meio tornando-se fim. “Ora os que se amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro.”¹⁵

O útil se torna uma coisa passageira que se transforma constantemente pendendo sempre para o que é bom para si mesmo num determinado momento; Ora, o útil não é permanente, mas muda constantemente.¹⁶ confirmando assim seu conceito de ser meio para se chegar a um fim.

E tampouco tais pessoas convivem muito umas com as outras, pois às vezes nem sequer se vêem com agrado, e por isso não sentem necessidade de tal companhia, a menos que sejam mutuamente úteis; o convívio só lhes é agradável na medida em que despertam uma na outra a esperança de algum bem futuro.¹⁷

¹⁴ ARISTOTELES. *Ética a Nicômaco*, p.1156 a 10 – 24

¹⁵ *Ibidem*, p.1156 a, 10-15

¹⁶ Cf.:ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco* p.1156 a 22

¹⁷ *Ibidem* p.1156 a 27 – 30

A partir dessa definição, aborda-se agora sobre o que consiste a amizade pela utilidade.

1.2 O que é amizade por utilidade

Ao se pensar sobre essa espécie de amizade, entende-se que o filósofo nos mostra que o homem está em busca de algo bom para ele, sendo assim se serve dessa amizade, que é uma forma inferior de amar, pois ela será o meio para se chegar a esse fim. Geralmente este tipo de amizade tem seus dias contados, pois a utilidade tem sempre um fim; por isso que ela se torna passageira, efêmera.

A amizade por utilidade é vista como a menos estimável; é a que tem por base o interesse para aquilo que vai favorecer a si próprio. Esses indivíduos amam só pela utilidade que o outro terá para eles. “Os que são amigos por causa da utilidade separam-se quando cessa a vantagem, porque não amavam um ao outro, mas apenas o proveito.”¹⁸

Aristóteles, porém, não desmerece esse indivíduo, mas, mostra que ele simplesmente não tem as virtudes necessárias à amizade perfeita. Segundo o filósofo, esses amigos constituem amizade pela utilidade que ela trará para si mesmo.¹⁹

Para além, até mesmo os maus podem estar inseridos nessa espécie de amizade, pois eles não têm o senso de querer bem ao outro, mas só pelo que lhe é vantajoso; eles não se importam com o que de fato o outro precisa, mas sim com o que ele vai ter de lucro com essa amizade. “Com efeito, os maus não se deleitam com o convívio uns dos outros, a não ser que essa relação lhes traga alguma vantagem.”²⁰

Outro fator que Aristóteles comenta a respeito da amizade por utilidade é que há muitas queixas, pois o amigo nunca está satisfeito com o outro, quer sempre ter benefícios e quando não o encontra começam as queixas e por fim a separação por não ter mais a perspectiva de alguma utilidade.

Mas a amizade que se baseia na utilidade é repleta de queixas; porquanto, como cada um se utiliza do outro em seu próprio

¹⁸ARISTÓTELES, p. 1157 a,10-15.

¹⁹Ibidem, p. 1157 a,15 – 16

²⁰Ibidem, p. 1157 a 17 – 19

benefício, sempre querem lucrar na transação, e pensam que saíram prejudicados e censuram seus amigos porqueno recebem tudo o que “necessitam e merecem”; e os que fazem bem a outros não podem ajudá-los tanto quanto eles querem.²¹

Sendo assim, pode-se afirmar que essa amizade tem um caráter efêmero justamente por não trazer nenhuma durabilidade e estabilidade, pois ela só permanece enquanto estiver tendo algum proveito. É um tipo de amizade que tem seu valor por aquilo que se pode ganhar, sendo que se nada tiver a receber sairão prejudicados.

Entretanto, Aristóteles constitui nessa amizade duas formas de justiça; a justiça moral, ou não escrita, e a justiça legal. A justiça legal é quando o amigo adere a uma amizade, já sabendo o que terá nessa relação, como será a forma de tratamento que receberá.

O tipo legal é aquele que assenta sobre termos definidos. Sua variedade puramente comercial baseia-se no pagamento imediato, enquanto a variedade mais liberal dá uma certa margem de tempo, mas estipula uma troca definida. Nesta variedade a dívida é clara e não ambígua, mas a sua protelação contém um elemento de amizade²²

Já a justiça moral, se dá de forma em que o amigo conhece as condições da amizade, mas tem a confiança de que irá ter o retorno que merece, mesmo que não tenha a certeza.

O tipo *moral* não assenta em termos fixos. Faz uma dádiva, ou o que quer que seja, como se fosse a um amigo; mas espera receber outro tanto ou mais, como se não tivesse dado e sim emprestado.²³

Dessa forma pode-se concluir que a amizade por utilidade torna-se puro espírito mercantil, onde a mesma torna fator principal para se levar adiante essa associação e que quando não lhe serve mais é automaticamente dissolvida. Assim pode-se perceber que Aristóteles classifica esta forma de amizade como sendo o pior tipo, pois visa sempre o objeto de desejo e quando não há mais interesse se finda.

²¹ ARISTÓTELES, p. 1162b, 15- 20.

²² Ibidem, p. 1162b, 25-30

²³ Ibidem, p. 1162 b ,32 – 33

É importante esclarecer que Aristóteles não está condenando os indivíduos que cultivam essa forma de amizade, mas que ela não traz bem algum, pois mostra a ausência do seu sentido pleno.

Assim, amizade por utilidade está relacionada a troca daquilo que é favorável para o indivíduo, na medida em que o outro pode oferecer. Não obstante a isso, o filósofo nos relewa outra espécie de amizade na qual se fundamenta no que é aprazível e efêmera durando enquanto for prazerosa. É o que abordar-se-á no próximo tópico.

1.3 O que consiste o prazer

Para falar-se do que consiste o Prazer em Aristóteles, adentrar-se á um pouco na visão que o mesmo tem sobre o tema. No livro VII da *Ética a Nicomaco*, (1152b1) ele passa a argumentar sobre algumas opiniões sobre o prazer.

Muitos filósofos se debruçaram sobre a conceituação do prazer, porém o estragirita trouxe um olhar diferenciado sobre o mesmo. Pois ao analisar o prazer, Aristóteles não se limitou a defini-lo como algo bom ou ruim, porém, para ele é na experiência prazerosa que se pode avaliar se aquela ação foi boa ou ruim. Desta maneira, o prazer por si mesmo não é bom, mas no processo pode levar a definir como algo bom.

O filósofo refuta essas opiniões argumentando que o prazer, mesmo se fosse de todo mau, ainda assim haveria alguns que seriam bons em algum momento especial, mas se causasse dor não poderia ser prazer. Que o prazer está ligado à atividade do estado natural, e que para ser bom esteja conforme a atividade associada ser boa.

1- para algumas pessoas nenhum prazer é um bem, quer em si mesmo, quer acidentalmente, visto que o bem e o prazer não são a mesma coisa; 2-Outros pensam que alguns prazeres são bons, mas a maioria deles são maus. 3- Há ainda uma terceira opinião, segundo a qual, mesmo que todos os prazeres sejam bons, a melhor coisa do mundo não pode ser o prazer.²⁴

Segundo Aristóteles, o prazer é a atividade natural do desejo, ele defende que o prazer não é bem ou mal em absoluto, mas que, cumpridas certas exigências, ele passa a ser considerado um bem. Sendo assim, o prazer em si mesmo não é visto

²⁴ ARISTOTELES. *Ética a Nicômaco*, p.1152b, p. 371

como coisa indesejável, ele está no cotidiano da vida humana. Por outro lado, o excesso da utilização do prazer acaba trazendo problemas para o indivíduo. Para o filósofo, há prazeres necessários como o sexual (reprodução), alimentação, para manter o corpo nutrido; e há também o prazer que não é necessário, podendo ser escolhido como a riqueza, honra e etc.²⁵

Entretanto, o filósofo não quer dizer que o prazer excessivo seja o certo. Precisa-se ter certa clareza no que devemos ter como o prazer, pois existe o que é da própria natureza do homem, como o ato de se alimentar que torna o prazer natural, e existem os prazeres antinaturais ou contrários a nossa natureza, entendido aqui como uma busca excessiva pelo prazer como finalidade e não como um meio para alcançar um fim.²⁶

Com o exposto até aqui, pode-se compreender que para o filósofo, o prazer é algo bom na medida em que as atividades sejam apropriadas de acordo com a condição moral do homem. E para se ter uma vida próspera deve-se incluir o prazer em atividades. O prazer defendido por ele é um guia para uma vida afortunada, porém deve existir um cuidado para que o prazer não se torne prejudicial ao bem supremo de cada um.

1.4 O que é amizade por prazer

Para Aristóteles a amizade por prazer é aquela em que os indivíduos tem no prazer a base de suas relações, em virtude do que é agradável a eles. Dessa forma considera-se que a amizade por prazer de certa forma também é uma amizade pautada na utilidade.

Pode-se compreender a amizade por prazer com algumas características da amizade por utilidade, já que as mesmas findam no momento em que o prazer e a utilidade deixam de existir.

²⁵ Cf. Aristóteles. *Ética Nicômaco*, p. 1147b de 25-30

²⁶ Ao falar de prazer em Aristóteles podemos compreender que ele tem como uma atividade que vai ajudar o homem virtuoso a ter uma vida prazerosa, onde o prazer deve ser concebido como o caminho para chegar a finalidade. O sexo dar prazer para ambas às partes que praticam, mas o prazer não é a finalidade do sexo. A finalidade do sexo é a reprodução da espécie.

Porém, a amizade por prazer tem como característica a generosidade que é uma diferença significativamente moral,²⁷ salienta Aristóteles. Em que as duas partes recebem o mesmo uma da outra. Quando esse prazer acaba, a amizade também finda, ou seja, amizade é prazerosa até quando se tem prazer.

Para além, ele comenta que os jovens possuem mais afinidade com essa amizade, pois eles estão sempre em busca do que lhes dá prazer imediato.²⁸ Entretanto, da mesma forma que eles começam esse tipo de amizade, eles terminam, pois os mesmos estão em constante mudança, transformação e sendo assim fácil de esquecer porém é nesse fluxo de mudança que eles tendem a serem mais generosos.

Dessas duas espécies, a que tem em mira o prazer parece-se mais com a amizade, quando ambas as partes recebem as mesmas coisas uma da outra e deleitam-se uma com a outra ou com as mesmas coisas, como acontece com os jovens; pois é em tais amizades que se observa com mais freqüência a generosidade.²⁹

Aristóteles deixa claro que essa amizade fica mais evidente nos jovens. Como a mesma visa o interesse das duas partes, e como para os jovens o interesse pelas coisas muda muito rápido, a validade dessa amizade é curta. Outro aspecto da amizade destacada por Aristóteles é, se convém ou não romper a amizade com os amigos.

As amizades baseadas na utilidade e no prazer são facilmente rompidas, quando cessam os atributos de utilidade ou de apazibilidade, [...] Deve-se romper a amizade entre os bons, quando eventualmente um amigo se torna mau, pois a amizade verdadeira só ocorre entre os bons.³⁰

Sendo assim, as pessoas felizes buscam amigos que tornem agradáveis a sua vida, porém não suportariam viver com pessoas que lhes trouxessem dores (amigos úteis), pois conviver com a dor seguidamente torna-se insuportável, assim sendo seria preferível o amigo agradável.

²⁷ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, p. 1158a 20

²⁸ Cf.: ARISTÓTELES. *Ética Nicômaco*, p. 1156b de 5

²⁹ *Ibidem* p.1158 a 19 – 21

³⁰ PICHLER, Nadir Antônio. **As três formas de amizade na ética de Aristóteles**, art. da UNICAMP. Ano 4, n. 2, jul/dez 2004, p.202.

Também as pessoas sumamente felizes não necessitam de amigos úteis, mas sim de amigos agradáveis; porque desejam viver com alguém e, embora possam suportar durante um curto espaço de tempo que é doloroso, ninguém o toleraria constantemente, mesmo que se tratasse do próprio bem.³¹

Pode-se dizer que a relação de amizade por prazer, assim como por utilidade, tem um elo de uma aparente verdade que se desmancha ao se tornar desagradável a alguma das partes envolvidas, tendo em vista que essas espécies de amizades buscam fugir do desprazer para alcançar aquilo que os deixam felizes mesmo que seja temporário.

Desta maneira, no próximo capítulo serão abordados os conceitos expostos por Aristóteles na tentativa de definição sobre a verdadeira amizade e em que esta consiste.

³¹ ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**, p. 1158a 25

CAPÍTULO 2 - AMIZADE PERFEITA

No presente capítulo será abordada outra espécie de amizade, tida por Aristóteles como amizade mais perfeita e superior a qualquer outra espécie de amizade. Para isso iremos fazer uma relação entre o amor, a benevolência, a virtude e a felicidade, ingredientes que julga-se serem necessários para alcançar a amizade verdadeira e por terem uma estreita relação entre eles. Ao passo que entende-se serem estes os caminhos que o filósofo usa para chegar à amizade virtuosa. Mas antes de se tratar deste tema, é importante ressaltar que o estagirita não anula os outros tipos de amizade, porém ele supervaloriza esta espécie na intenção de que ela carregue em si atributos de uma supremacia humana.

2.1 Amizade e amor

Antes do aprofundamento na definição de amizade e amor, considera-se necessário portanto, se falar de maneira sucinta, como os gregos concebiam o amor. Na Grécia antiga eram atribuídos três significados para a palavra amor: o amor *Eros* que estava relacionado ao desejo carnal e as paixões; o amor *Philia* que estava relacionado à reciprocidade, a ternura e ao companheirismo; e por último o amor *Agapé* que estava relacionado à divindade, aquilo que é incondicional.

Partindo desses pressupostos pode-se entender que o amor que mais aproxima do pensamento aristotélico é a *Philia*, pois se trata do amor desinteressado, onde o outro visa o bem sem interesses. Assim, este tipo de amor do homem é despojado de conceitos teológicos, formado unicamente numa emoção humana, podendo ser compreendido através do desejo sexual, do afeto entre parentes, nos casamentos e no querer bem.

Aristóteles utiliza desse conceito de amor para definir e conceituar a amizade. Entretanto por se tratar de uma transformação do sentimento, pode haver exageros ou a ausência, sendo assim o amor se diferencia da amizade, pois ele está relacionado às nossas emoções, porém como o mesmo é regido pela acomodação

a ambivalência: às vezes muito amor e outras a falta desse amor. Já a amizade é uma disposição racional, sendo que o amor não. O amor é afeição e amizade é ação que provém do hábito, ou seja, na amizade o sujeito desempenha um papel ativo, em queo mesmo escolhe o seu amigo, mostrando assim que a amizade é uma ação que precisa da prática e do hábito.

Outra característica que diferencia o amor da amizade seria que o amor tem excitação que está interligada ao desejo sexual. Não que Aristóteles recrimine o amor, porém ele chama a nossa atenção das ligações imediatas do amor. Para além, pode-se sentir amor por coisas inanimadas o que não ocorre com amizade, pois ela é de caráter racional, sendo assim só os seres humanos tem disposição a essa virtude ética. Doravante, Aristóteles nos esclarece a distinção entre estas duas definições:

Ora, dir-se-ia que o amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter, porque se pode sentir amor mesmo pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha procede de uma disposição de caráter.³²

No entanto, como a amizade é uma disposição de caráter e que para essa demonstração de amizade, é preciso ter provas de amor, como o afeto consangüíneo, o querer bem, o casamento e acordos políticos, fatores que podem ser avaliados e testados pelo intelecto.

Sendo assim, ao citar-se o amor, como um passaporte para a amizade deve-se atentar para o que envolve esse sentimento e se podem ser colocado a prova pelo intelecto. Porquanto a amizade deve ser uma disposição racional que não deve ter nem excesso e nem deficiências passionais.

2.2 Amizade e benevolência

Neste tópico procura-se diferenciar a benevolência da amizade, haja vista um elo entre elas. Entendemos, segundo o filósofo que são coisas distintas entre si, pois a benevolência trata-se de uma disposição para com as pessoas independentes de

³² ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, p. 1157, b 28

conhecê-las ou não. Já a amizade vai além do simples fato de ser bom para com o outro. Pois esta última implica um conhecimento mútuo, uma reciprocidade que gera intimidade entre ambos, como nos esclarece o estagirita:

A benevolência é uma espécie de relação amigável, mas não se identifica com amizade, pois que tanto podemos senti-la para com pessoas a quem não conhecemos como sem que elas próprias o saibam, ao passo que com a amizade não sucede assim [...] Mas a benevolência não é sequer um sentimento amistoso, já que não envolve intensidade ou desejo, enquanto o sentimento de amizade é acompanhado desses elementos. Além disso, a amizade implica intimidade, enquanto a benevolência pode surgir repentinamente, como acontece para com os adversários numa competição.³³

Desta maneira, entende-se que ser benevolente não precisa necessariamente ter um envolvimento amistoso. Por exemplo, ao se fazer uma doação a um pedinte na rua, o qual não conhecemos, tem-se o sentimento de benevolência, este sentimento de solidariedade surgiu de repente, sem que haja nenhum tipo de intimidade.

Assim a benevolência implica em uma disposição racional como bom senso, a solidariedade, a caridade e o respeito mútuo, estas características, no entanto, não impedem que o ato benevolente também implique em uma disposição emocional, haja vista que há um cuidado, solicitude, um sentimento piedoso e complacente do doador.

Mas, pode-se compreender que Aristóteles mostra que a benevolência pode fornecer características que induzem a uma amizade, no entanto a benevolência, segundo o filósofo, seria um “começo de amizade”.³⁴ Pois para ter amizade é preciso que haja uma ampliação do bem querer ao outro, não basta apenas ser solidário tem que haver uma reciprocidade entre eles. Como nos afirma Aristóteles ao dizer que “a benevolência quando recíproca, torna-se amizade”.³⁵

Neste caso a reciprocidade tem um papel muito importante, porque ela é como um elo entre a benevolência e a amizade. Sem a reciprocidade segundo Aristóteles não tem como haver uma amizade, além de que contribui para as boas relações sociais. Pois quando há pré-disposição a reciprocidade os indivíduos tendem a agir de forma benevolente, gerando um sentimento de preservação mutua.

³³ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, p. 1166 a 30 - 35

³⁴ Cf.: ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, p. 1167 a 5

³⁵ *Ibidem*, p.1155 b 33

Sendo assim, a benevolência surge com o intuito do que seja justo, pois não requer nada em troca, se aproximando do conceito da amizade verdadeira. Mas para a benevolência se tornar uma amizade, deve haver um reconhecimento e uma reciprocidade entre ambos. Sem isso ela nunca poderá se tornar amizade.

Portanto, a benevolência pode ser definida como uma amizade inativa, chegando até mesmo em uma amizade verdadeira se prolongada a sua intimidade. Pois esta amizade inativa se dá pelo fato de ter características de uma amizade verdadeira, porém não há um comprometimento direto com o outro.

Do mesmo modo, não é possível que duas pessoas sejam amigas se antes não sentiram benevolência uma para com a outra, mas pelo simples fato de sentirem benevolência não se pode dizer que sejam amigas, porquanto apenas *desejam* bem ao outro, mas não cooperariam em nada com ele nem se dariam ao trabalho de ajudá-lo.³⁶

Entretanto, de acordo com a passagem citada, a amizade precisa de uma construção em que é necessário a consciência do querer bem. Sendo que este querer bem definirá se a amizade é verdadeira ou não. No tocante, questiona-se: como é possível desenvolver uma amizade verdadeira, perfeita e de excelência em indivíduos diferentes? Doravante iremos refletir sobre esta questão no próximo tópico.

2.3 Amizade e virtude

Antes mesmo de falar-se da virtude em Aristóteles, é importante trazer a sua significação no âmbito filosófico. No dicionário de filosofia de Abbagnano, a definição de virtude designa-se “uma capacidade qualquer ou excelência, seja qual for à coisa ou o ser a que pertença.”³⁷ Neste caso, a virtude é uma disposição às boas ações. O pensamento de Aristóteles acerca da virtude não se distancia tanto desta definição, mas acrescenta um valor moral. Para ele “não basta, contudo, definir a virtude como uma disposição de caráter; cumpre dizer que espécie de disposição é ela”³⁸. Desta

³⁶ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, p. 1167 a 6 - 9

³⁷ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, 2007. p. 1003

³⁸ ARISTÓTELES. *Ética Nicômaco*, p. 1106 a 15

maneira vale ressaltar que é crucial entendermos como Aristóteles define a virtude em termos morais.

Para tanto ele distingue a virtude em duas: a ética e a dianéticas. A primeira seria a parte irracional da alma e a segunda a parte racional. Na *Ética a Nicômaco* evidencia as duas categorias de virtudes. A virtude ética ou virtude moral que consistem em encontrar o equilíbrio entre o excesso e a falta, ao que nos levariam as aptidões e as paixões nas nossas ações. E a virtude dianética ou virtude intelectual que fala sobre o conhecimento humano, do pleno desenvolvimento do intelecto.³⁹

Como pode-se observar, o homem virtuoso de Aristóteles configura-se pela virtude ética, pois esta virtude está para a justa medida entre o equilíbrio dos excessos e as deficiências entre dois extremos passionais. Não é intelecto puro, mas ações com conhecimento e que são governados pelo intelecto. Sendo assim, o homem dotado de racionalidade tem grande potencial para ser um homem virtuoso.

Desta maneira, refletindo sobre a questão supracitada no final do tópico anterior, percebe-se que o homem virtuoso de Aristóteles é aquele que possui um equilíbrio em suas ações, que os tornam melhores e os fazem iguais, mas para que isso se efetive de fato é necessária a prática. E esta prática advém da nossa principal característica que nos diferencia dos outros seres, que é a racionalidade⁴⁰. Sendo assim pode-se compreender que é possível estabelecer uma amizade verdadeira entre pessoas diferentes.

Para o filósofo, esta amizade só pode ser concretizada através da disposição para a virtude, sendo ela um aporte em que o homem consolida suas ações pela prática e hábito, ou seja, a virtude é uma disposição que requer um hábito, para o qual qualquer homem pode tender, tornando-lhe bom e possibilitando que ele realize o seu fim desejado. A partir daí o homem estará apto para desenvolver um laço verdadeiro de amizade, ao passo que o outro indivíduo tem que ter esta mesma disposição virtuosa.

Desta maneira, o fim desejado é a felicidade, e para alcançá-la é necessário viver uma vida virtuosa, orientada pela razão e equilíbrio. Para o Estagirita, a virtude

³⁹ Cf.: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômico*, p. 1102 b 15-20

⁴⁰ Cf.: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômico*, p. 1098 a 5-15

é um elemento imprescindível para amizade dos que desejam o bem comum. Mas é importante se lembrar que as virtudes não são inatas, e sim que estas requerem uma adaptação, como nos esclarece o filósofo:

Por tudo isso, evidencia-se também que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza; com efeito, nada do que existe naturalmente pode formar um hábito contrário à sua natureza [...] Não é, pois, por natureza, nem contrariando a natureza que as virtudes se geram em nós. Diga-se, antes, que somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito. (..)

Aristóteles considera que para ser virtuoso é necessária a prática de atos virtuosos e para isso a necessidade de ter amigos é indispensável, pois são para os amigos e com os amigos que se pratica tais atos.

Como uma das mais altas virtudes, a amizade é imprescindível para se chegar à felicidade, sendo ela intrínseca a felicidade. É impossível ser virtuoso sozinho, ao mesmo tempo é impossível ser feliz sem amigos. Como afirma o filósofo:

[..] pensa-se que o homem feliz deve ter uma vida aprazível. Ora, se ele vivesse como um solitário a existência lhe seria dura, pois não é fácil a quem está sozinho desenvolver uma atividade contínua; mas com outros e visando aos outros isso é mais fácil. [...] para ser feliz o homem necessita, portanto, de amigos virtuosos.⁴¹

Dessa forma conclui-se que para o filósofo, antes de se ter uma amizade é preciso ser virtuoso, pois a prática da virtude leva o homem a desejar para si e para o outro, todo o bem na mesma medida. Essa atividade de boas ações em prol do outro eleva a amizade como um elo para se chegar a amizade verdadeira, como será enfatizado no próximo tópico.

2.4 Amizade e Felicidade

Falar sobre o conceito de felicidade em Aristóteles requer uma reflexão mais atenciosa na *Ética a Nicômaco*, precisamente no livro I, o filósofo passa a falar sobre o que é o bem, procurando analisar de forma minuciosa como sempre faz nos seus estudos. A princípio, ele fala que toda atividade tem por objetivo um fim que seria um bem qualquer. Ao mesmo tempo observa-se que para cada atividade distinta existe uma ação específica para essa atividade. Como exemplo cita-se as ações de artes e

⁴¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômico*, p. 1170 a 5-15

ciências, que se tem um fim desejado, como o do arquiteto é a construção, do padeiro é o pão e assim por diante. Esse fim se faz necessário para que não se torne infinito deixando a desejar. Porém, ao se estudar sobre sua definição e conceito, depara-se com dois sentidos para o bem: uns devem ser bens em si mesmos, e os outros, em relação aos primeiros.

Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais desejado no interesse desse fim; e se é verdade que nem toda coisa desejamos com vistas em outra (porque, então, o processo se repetiria ao infinito, e inútil e vão seria nosso desejar), evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem.⁴²

Partindo dessa definição onde pode-se identificar o nascer do caminho para a felicidade, pois a toda uma contextualização para se chegar a essa conclusão, adentra-se no que seria a felicidade na ética moral de Aristóteles, mostrando como essa felicidade está atrelada a amizade verdadeira. Nos seus escritos ele diz que as investigações sobre o bem advêm de que todo conhecimento e todo trabalho visa a um bem onde esse fim leva a felicidade, que é identificado como o bem viver e o agir como o ser feliz.⁴³

Ao se analisar o bem, pode-se dizer que ele tende sempre para uma finalidade. O homem tem suas ações como bense esses são considerados como atividades do raciocínio. Essa atividade de raciocínio que diferencia o homem dos outros seres. E é a partir da mesma, que ele busca aperfeiçoar-se para se chegar ao bem supremo que é a felicidade.

Aristóteles diz que “A felicidade é uma atividade; e a atividade, evidentemente, é algo que se faz e que não está presente desde o princípio, como uma coisa que nos pertence”. Para o homem que tem o seu intelecto acima dos seus prazeres e de suas ações e que consegue equilibrar com seu estado de natureza está no caminho da felicidade. O homem em plenitude com seu intelecto e com sua vida moral é um homem feliz, pois está satisfeito consigo mesmo e irá à busca de um amigo para compartilhar dessa felicidade.

⁴² ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**, p. 1094 a 15-20

⁴³ Cf.: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**, p.1095 a 15-2

2.5 Amizade Perfeita

Refletir-se-á por tanto, acerca da amizade tida para o estragirita como a amizade verdadeira ou perfeita onde só acontece se os amigos tiverem a mesma afinidade e sintonia, pois a definição de amigo para Aristóteles é quando o indivíduo deseja e faz o bem em interesse de seu amigo, ou como aquele que deseja que seu amigo exista e viva, por ele mesmo.⁴⁴ Aristóteles afirma nos seus escritos que amizade verdadeira tem a disposição em fazer o bem em prol do outro, pois isso é uma das características do homem de bem.

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente.⁴⁵

Com isso entende-se que a bondade em Aristóteles está relacionada com a amizade porque ela é duradoura, e se identifica com a nossa própria natureza, na medida em que se quer o bem ao outro na mesma proporção em que se quer o bem pra si mesmo, assim não se caracteriza como algo acidental e passageiro, mas como algo racional.

A amizade dá uma contribuição à vida do homem, ela serve de base para se ter uma vida equilibrada, pois sem amizade pra que servirá a riqueza e os bens se não for para compartilhar com o amigo, até mesmo na pobreza se precisa de alguém para vencer os infortúnios.

Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens. E acredita-se, mesmo, que os ricos e aqueles que exercem autoridade e poder são os que mais precisam de amigos; pois de que serve tanta prosperidade sem um ensejo de fazer bem, se este se faz principalmente e sob a forma mais louvável aos amigos?[...] por outro lado, na pobreza e nos demais infortúnios os homens pensam que os amigos são seu único refugio.⁴⁶

Amizade verdadeira no contexto aristotélico é aquela em que o amigo deseja o bem para o outro sem ter nada em troca, simplesmente por querer ver o outro bem. É amizade baseada na semelhança entre os amigos havendo lealdade e reciprocidade em querer o bem um a outro enquanto bons. Essa espécie de

⁴⁴ Cf.: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**, p. 1166 a 5

⁴⁵ Ibidem, p.1156 b 6-10

⁴⁶ ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**, p . 1155 a 5 – 10

amizade para o filósofo é a mais importante, pois vem da natureza do homem virtuoso ou do homem bom.

Adentrando-se um pouco mais sobre a amizade verdadeira pode-se salientar que a amizade é um ato que conjuga caráter e ação, além da moral. O homem de bem tem a predisposição em querer sempre o melhor para seu amigo.

Esse bem que Aristóteles se refere no livro *Ética Nicômaco*, é o bem supremo que está em busca da finalidade maior que é a felicidade. Como Reale deixa claro:

Todas as ações humanas tendem a “fins” que são “bens”. O conjunto das ações humanas e o conjunto dos fins particulares para os quais elas tendem subordinam-se a um “fim último”, que é o “bem supremo”, que todos os homens concordam em chamar de “felicidade”.⁴⁷

A construção da amizade perfeita é um elo e um meio para se chegar ao fim último. O fim que é desejado por todo e qualquer indivíduo que busca a felicidade. Segundo Reale o bem supremo para o homem é a felicidade e apenas pode ser pensada pela única característica que o diferencia das outras espécies, a razão.

O bem supremo realizável pelo homem (e, portanto, a felicidade) consiste em aperfeiçoar-se enquanto homem, ou seja, naquela atividade que diferencia o homem de todas as outras coisas. Assim, não pode consistir no simples viver como tal, porque até os seres vegetativos vivem, nem mesmo viver na vida sensitiva, que é comum também aos animais. Só resta, portanto, a atividade da razão. O homem que quer viver bem deve viver sempre segundo a razão.⁴⁸

A razão possibilita ao homem condições para se chegar à amizade perfeita e essa amizade ocorre no viver junto. A razão vai mostrar a diferença da amizade ruim e da amizade boa, pois a amizade ruim traz instabilidade para a vida daquele que a possui, porque no seu cotidiano as atividades penderam para ações incorretas. Enquanto aquele que possui a amizade perfeita e convive com bons amigos tendem a convivência e ações boas, fazendo com o que a influência de ambas as partes tragam crescimento e bons frutos para todos que participam desta amizade.

⁴⁷ REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 1996, p.203

⁴⁸ *Ibidem*, p.203

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento pretende-se resgatar uma significativa parte do que já foi exposto até o momento, refletindo-se assim sobre os conceitos que buscam levar o homem a alcançar o bem supremo por meio da amizade. Para Aristóteles, o meio para chegar à felicidade se permeia pela amizade, pois sem amigos o homem não escolheriam viver.⁴⁹

No desenvolvimento do trabalho fica claro que Aristóteles distingue três formas de amizade em que ele separa as características de cada uma de modo a esclarecê-las quanto a sua finalidade.

Para estagirita a primeira forma de amizade é a amizade útil, que se estabelece pela utilidade que a mesma tem para si mesmo. Os indivíduos que se relacionam por meio desta amizade possuem características individualistas e inconstantes, já que seu único fim é seu interesse próprio. Logo, se não houver mais utilidade a amizade finda. Assim sendo geralmente vê-se essa forma de amizade entre os idosos, pois estão sempre em busca do que se é útil. “Essa espécie de amizade parece existir principalmente entre velhos (pois na velhice as pessoas buscam não o agradável, mas o útil).⁵⁰

Dentre as descobertas através da investigação do sentido de amizade em Aristóteles, encontra-se uma outra forma de amizade, a que ele descreve como a baseada no prazer. Para essa amizade a relação é compreendida pela satisfação do que é agradável entre os envolvidos, em que nela pode ser atribuído também o significado da amizade por utilidade. Apresenta também um caráter efêmero, pois na medida em que deixa de proporcionar o prazer à outra parte, o sentido de utilidade acaba. Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles fala que:

A amizade dos jovens, por outro lado, parece visar ao prazer, pois eles são guiados pela emoção e buscam acima de tudo o que lhes é agradável e o que tem imediatamente diante dos olhos; mas com o correr dos anos os seus prazeres torna-se diferentes. É por isso que fazem e desfazem amizades rapidamente: sua amizade muda com o

⁴⁹ Cf.: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, p.1155 a 6

⁵⁰ Cf.: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, p.1156 a 25-30

objeto que lhes parece agradável, e tal prazer se altera bem depressa.⁵¹

A amizade por prazer é transitória e não tem um caráter permanente. Geralmente quando se finda nada fica de desejo de bem para o outro.

A amizade verdadeira ou amizade perfeita é aquela em que os indivíduos estão sintonizados, tendo um mesmo pensamento em relação à maneira de se relacionar. Para Aristóteles isso só é possível para pessoas de bem. Que possuem o desejo do melhor para o outro incondicionalmente.

As duas virtudes, sendo elas a Ética e a Dianética, conduzem o homem na busca de escolhas assertivas no seu dia-a-dia e faz com que essas atitudes dêem ao homem condições necessárias para alcançar a amizade perfeita e assim chegar ao seu objetivo final o bem supremo, a felicidade. A natureza dessas virtudes deve ser vista como algo natural ao ser humano, porém deve ser praticada cotidianamente em equilíbrio. Na suas opções de atitude o homem deve utilizar sua razão e seus conhecimentos de forma que o leve a ter condições e capacidade para que seu habito possa encaminhá-lo para a uma vida virtuosa.

Conclui-se que o homem virtuoso de Aristóteles é aquele que possui um equilíbrio em suas ações, que os tornam melhores e os fazem iguais, mas para que isso se efetive de fato é necessária a prática. E esta pratica advém da principal característica que diferencia dos outros seres, que é a razão.

Em uma amizade verdadeira o amigo é amado como ele é, e por isso esse amigo verdadeiro tem um olhar que é um outro eu. Uma espécie de espelho que nos proporciona o conhecimento de si. Quando buscamos o bem para o amigo estamos usando de benevolência que é o começo da amizade verdadeira, sendo que esse sentimento de benevolência está inativo ainda, pois para que haja amizade verdadeira precisa se haver reciprocidade e intimidade.

A benevolência parece, pois, ser um começo de amizade, como o prazer dos olhos é o começo do amor. Porque ninguém ama se não se deletou de início com a forma do ser amado. (...) E assim, por uma extensão do termo amizade, poder-se-ia dizer que a benevolência é uma amizade inativa, se bem que passe a ser

⁵¹ ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**, p.1156 a, 30-35

amizade verdadeira quando se prolonga e chega ao ponto da intimidade.⁵²

Fica claro que a benevolência é a porta de entrada, mas que precisa de fatores para se confirmar amizade verdadeira. Um desses fatores é a intimidade e a reciprocidade que apenas acontece com o tempo.

A realização de uma pesquisa sobre amizade a partir de Aristóteles torna possível o conhecimento e a reflexão sobre as suas conceituações, ao mesmo tempo em que oferece uma capacidade de análise sobre a compreensão que se tem sobre a amizade na sociedade atual. O que se observa nas relações sociais vigente é a presença do individualismo sobrepondo ao coletivo, à ambição no esforço de querer se destacar dos demais.

Assim sendo, a pesquisa torna-se relevante nesse sentido. Não só o da apropriação do conhecimento do que é a amizade em Aristóteles, mas também o de se ter um olhar diferenciado sobre as relações sociais. Podendo ser ainda um fator motivador para se iniciar uma jornada de novas pesquisas e novas análises.

Estas reflexões sobre o conceito de amizade em Aristóteles propiciam um despertar crítico sobre o modo como as pessoas se socializam através da amizade. Pois, mesmo diante dos estudos e análises sobre suas definições, pode-se entender que o conceito de amizade não deve ser de todo passível à uma definição fechada, exata. Haja vista que a sociedade está em constante evolução de pensamento, conceitos e valores éticos, morais e culturais e estes influenciam diretamente no modo de ser e se relacionar das pessoas.

⁵² ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, p.1167 a 5-6 10-12

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim- São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973. (Coleção dos Pensadores)

ABBAGNANO, Nicola, 1901-1990. Dicionario de Filosofia. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone castilho Benedetti- 5ª ed- São Paulo; Martins Fontes, 2007.

ASSUMPÇÃO, Eliana Maria Salgado. *A amizade e a ética: um contra ponto à cordialidade*, in *Revista de Letras* do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, n. 32, jan./ jun. 2006, Porto Alegre

AUBENQUE, Pierre. *A Prudência em Aristóteles/Pierre Aubenque*; tradução de Maria Lopes. 2ª edição – São Paulo: Discurso Editorial, Paulus, 2008.

BARENES, Jonathan. *Aristóteles*; tradutor Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida,SP: Idéias &Letras, 2009 – (Coloção Companions &Companions)

KRAUT, Richard e Colaboradoes. *Aristóteles – A Ética A Nicômaco*; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição: Alfredo Storck(Professor de Filosofia Antiga e Medieval na Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS) versão impressa desta obra 2009.

LARA, Renata de Oliveira. *A amizade na Ética a Nicômaco.* –Fortaleza, 2009 Dissertacao (Mestrado Academico em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceara, Centro de Humanidades

REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média.* São Paulo: Paulus, 1996.

PAULA, Marcelo de. *Amizade em Aristóteles.* [recurso eletrônico] / Marcelo de Paula-Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015

PICHLER, Nadir Antônio. *As três formas de amizade na ética de Aristóteles.* Art. da UNICAMP. Ano 4, n. 2, jul/dez 2004